

Pedro Guerreiro Cavaco

# UMA PARÓQUIA DOS DIABOS

DOIS BISPOS,  
DOIS PADRES  
E UMA PARÓQUIA  
EM ALVOROÇO



PAULUS

## PREFÁCIO

### I

Talvez as 178 folhas A4 tenham demorado menos tempo a escrever do que a demorada gestação deste prefácio!

Obrigado, do fundo do coração, ao Pedro Cavaco, marido e pai, por vocação, advogado, de profissão e, com o segundo livro já publicado, escritor por entusiasmo, apelo e missão.

A história que aqui nos é oferecida traz consigo uma trama acesa e veloz. Uma escrita que se percebe dever ao querer contar rápido, remetendo talvez para um modo de dizer próximo do cinema e das possibilidades cénicas abertas pelos meios audiovisuais.

Num Portugal remoto e, como se costumava dizer, na província, deparamo-nos com os enredos, menoridades, paixões, aventuras e decisões espirituais que encontramos também nos centros urbanos mais sofisticados e pretensiosos. Assim, menos relevante será determo-nos na geografia desta história porque aquilo a que aponta Pedro Cavaco é à localização no coração dos homens de um centro habitado, ou não, de densidade e de verdade humana.

Nota-se, também, e naturalmente, que o enredo está claramente ligado à experiência profissional do autor, no modo como a trama é articulada com particular atenção às coisas das leis. Como transparece, também, que o fluir desta “novela”, ao invés das encenações ideológicas dos dias que passam, testemunha a sua sanidade mental: os homens são homens, com família

e filhos, mais ou menos leais e comprometidos com princípios, ou práticas ilegais; as mulheres, virtuosas ou transgressoras, sabem-se mulheres, com casa, trabalhos domésticos e outros afazeres profissionais, mais ou menos dignificantes. Caso para dizer que a chamada “*igualdade de género*” não germinou gente desfigurada e aberrações ideológicas naqueles lugares.

Mas o que me parece mais notável é a transparência de uma fé católica firme e feliz, expressa imediatamente na devoção ao sacerdócio, aos padres na sua presença autêntica na vida das gentes, das suas terras e circunstâncias, na viril expressão da sua entrega.

Não que o autor seja surdo, ou percorra distraído, as meninices e decadência da vida dos pastores de alma, representada no Pe. Ribeiro. Num tempo em que se tem procedido obsessivamente a devastadores levantamentos sobre comportamentos perversos de padres, contra a inocência das crianças, com a concomitante confusão entre uns poucos de miseráveis e muitos felizes sacerdotes, parece que o autor deseja tomar posição: afirmando valor onde ele está, apontando a *desgraça* onde ela se manifesta, indicando caminhos sempre fecundos para quem os frequenta: a vida de oração face a face ao Santíssimo Sacramento, o cuidado com a formação espiritual, as amizades sãs, a saída ao encontro dos outros não na vulgaridade mas na ousadia da amizade pela condição existencial dos outros sem atrofiamento do próprio do anúncio cristão.

Certo que a trama deste *Uma Paróquia dos Diabos* não se reduz a espiar a sacristia: amores e desamores, rancores velhos e a insegurança dos dias, a boa mesa e o bom vinho (ao qual o autor se dedica com detalhe e com que devaneio onírico), e logo de começo as coisas da política local, apresentadas antes na perspectiva do jogo político sem elevação de meios e de propósitos (afora, talvez, o idealismo pacato de Joaquim), tudo isso nos é apresentado de modo a sermos envolvidos por uma

história onde o *suspense* e a surpresa ganham na narrativa de uma história nunca previsível — o que seria o fracasso da mesma. E, como não podia deixar de ser, tudo eivado do bom humor do bom contador de histórias que é Pedro Cavaco...

Digno de nota é o testemunho desempoeirado de Pedro Cavaco às suas simpatias pelo Opus Dei, que a certa altura se atravessa no enredo do livro. Com efeito, o vigor e a virtude do jovem padre enraizam-se na sua decidida escolha de viver a sua fé dentro de um caminho que lhe é oferecido pelo carisma de São Josemaria Escrivá. Sem mistificações, sem amputações, com naturalidade!

Particularmente generosa e bonita, humanamente bonita, é a convocação de referências e amizades sacerdotais de Pedro Cavaco para o seu enredo, e ainda a nomeação de outros amigos (Estevão Giro Pereira) a quem presta a sua homenagem. Talvez a mais importante e genuína de todas as homenagens, essa, a da gratidão. E por isso são nomeados, aqui e ali, nomes de padres que sei fazerem parte da biografia do próprio autor. Antes de mais o seu compadre, Pe. João Luís Paixão, chamado à presença do Senhor na voragem da Covid. E, também, o Pe. António Barbosa, vítima da mesma pandemia. E o seu antigo prior Pe. João Luís Ferreira ou, ainda quem escreve estas linhas.

## II

Parece-me pertinente avançar agora, com um pouco mais do que uma mera nota de rodapé, para referir-me ao “romance católico”. Com efeito, é disso que, de algum modo, se está a falar.

Convidado a escrever este prefácio, eu mesmo não escritor e não académico, e não outra coisa senão um padre amigo de ler e amigo do resistente autor deste romance (tão resistente que aguardou estoicamente a produção deste pequeno texto), julgo, com efeito, relevante apontar alguns factos e sublinhar algumas

ideias. Creio que todas, mais ou menos conscientemente, colhidas de outros!

Assim, e em primeiro lugar, lembro que é significativa a reflexão ensaística, sobretudo em França, assinada por nomes grandes do seu mundo cultural, em torno da disputa sobre se existe ou não o “romance católico”. Poderemos remontar a Barbey d’Aurevilly, no final do séc. XIX, e encontrar nele a primeira tomada de posição favorável em relação ao mesmo. Com efeito, o velho escritor convertido, no prefácio de uma reedição do seu romance *Une vieille maîtresse*, posicionando-se contra os “Livres Pensadores” que interditavam este género literário aos piedosos autores cristãos (já que *não se faz boa literatura com bons sentimentos* – frase, ao que parece, lavrada pelo jornalista Henri Jeanson embora, não raro, atribuída a André Gide – e, menos ainda, com sentimentos cristãos, pois o católico tem as mãos demasiado puras para tocar no mundo do romance), d’Aurevilly, escreve assim: «Aquilo que existe de moral e intelectualmente magnífico no Catolicismo é que ele é largo, compreensivo, imenso. O Catolicismo ama as artes e aceita sem tremer as suas audácias. Admite as suas paixões e as suas pinturas porque sabe que podemos tirar ensinamentos, mesmo quando o escritor não os tira.»

Todavia, não bastou esta declaração de boa vontade para convencer a *Cidade* acerca da plausibilidade do “romance católico”. «Falando com propriedade, não há romances cristãos», afirmou o grande oráculo do neopaganismo francês da primeira metade do séc. XX, André Gide. Uma «sorte trágica» persegue o escritor, «uma trágica moral que toca a essência do seu ser» escapa-se da literatura, mesmo daquela que deveria transportar o drama a um plano moral por excelência, ou seja, da literatura cristã.

Daí que permaneça hegemónica, no atual panorama da cultura ocidental, a tendencial indisponibilidade face ao “romance católico”. Com efeito, menos disponíveis ainda do que o autor

de *Córidon* estarão, face às pretensões do “romance católico”, os escritores modernos, ou pós-modernos, estranhos a toda a reflexão que tenha uma pretensão universal sobre a literatura e a vida. Depois de Proust a moda recaiu nos “romances sobre o romance”, nas frases desconstrutivas ao longo das quais os romancistas se perguntam se não será necessário escrever o romance do romance que não irão escrever jamais (Ver Augustin Talbourdel, in *Philit*, 7/2023).

«*Eppur si muove*»... E, no entanto, no mesmo ano em que Gide publicou o seu primeiro romance, Bernanos e Mauriac, dois dos maiores nomes da literatura católica, tão diferentes no estilo, no tom e no rasto, (sendo que – talvez ao “não maior”, Mauriac – viria a ser atribuído o prémio Nobel, em 1952), ambos publicavam alguns dos seus textos maiores: *Sous le Soleil de Satan*, *Journal d'un Curé de Campagne*, *Le Désert de l'amour*, (Grande Prémio de romance da Academia francesa), *Thérèse Desqueyroux*, *Le Naud de vipères*, a responderem, com o facto mesmo da sua escrita, que ser católico lhes confere não apenas um estilo pessoal mas uma substância dogmática entusiástica. Já que a fé permite escrever *unido* a Cristo, seja por entre as rotinas e banalidades de Nazaré, seja face às angústias do Getsémani, com os olhos redivivos porque redimida e salva a existência – usando dos pessoais talentos para dizer a densidade da condição humana!

Todavia, faço notar que o título “romancista católico” não era aceitável para o próprio Georges Bernanos. «Recuso o nome de romancista católico» – escreve o autor do *Diário do Pároco de Aldeia* – «sendo que sou apenas um católico que escreve romances católicos, nada mais, nada menos.»

Mas então, «qual o problema sério que envolve» esta ideia refutada pelo autor em questão? Responde o Padre João Mendes sj num texto de 1942 publicado na *Brotéria*, intitulado «Romancistas Católicos e Católicos romancistas»: «Se por aquela frase se entende que o catolicismo do romancista não

deve influir nos personagens de fora para dentro, violentando-os na sua verdade humana, para condicionar os caracteres à tese preestabelecida, então pode aceitar-se a expressão. A tese da obra deve ser resultado e não causa, porque a melhor defesa da verdade consiste em mostrar as almas como elas são. [...] Daí que a mais certa crítica que se possa fazer a obras imorais seja a de mostrar como elas são humanamente falsas. [...] Não haverá, então, diferença entre os romances do católico e do ateu? Há – ou deverá havê-la – e bem profunda, precisamente porque a noção de homem é para o primeiro muito mais rica e complexa.»

Lembra, assim, João Mendes, citando o grande crítico Charles du Bos, que não existe o problema do «romance católico, mas sim o problema do romancista católico». Daí concluir o seu artigo de um modo que certamente é entusiasmante para Pedro Cavaco: «O maior romancista é, pois, em igualdade de circunstâncias o católico que faz romances. Se há tão poucos, a razão é a mesma por que rareiam também os santos.»

Mas termino à ajuda de L. Castellani, extraordinário e excêntrico padre – pensador – escritor – crítico que viveu na Argentina entre 1899 e 1981. Dele se poderá dizer que, só então, depois que defunto, emigrou poderosamente vivo na sua literatura, em demanda de alguns recantos onde se pode respirar “Catolicismo” seja em Espanha, sobretudo, seja, agora também, em França e Portugal. Serve, por conseguinte, de repto e de abraço ao Pedro Cavaco, na tenacidade militante deste seu segundo livro, o texto que aqui fica:

– Tornai-vos excepcionais como o vosso Pai do Céu, o qual é cidadão do Céu. Vós não o sois ainda. Não sejais massa, tornai-vos singulares, Diferentes, indivíduos. Em suma, “Chegai a ser o que sois, tornai-vos Pessoa, e não vos resigneis em ser sempre rebanho...”

– Quem disse isso?

– Jesus Cristo.

– O senhor está a tergiversar. Jesus Cristo não disse porventura: «Sede perfeitos como o vosso Pai do céu é perfeito»?

– Sim. Assim o traduz a vulgata. Porém, eu asseguro-vos categoricamente que esta outra tradução não é infiel. E para nós que estamos condenados a ser pisados pela bestialidade da massa, quiçá seja melhor esta outra tradução de Jerónimo del Rey [pseudónimo de Leonardo Castellani] que a de São Jerónimo.

– Que significa exatamente *teleiois* [perfeito] em grego?

– Veja em qualquer dicionário: uma coisa dinâmica, não estática. Portanto «tornai-vos excepcionais» como o vosso Pai que está nos Ceus é Único. Fazei um esforço para chegar a ser o que sois, quer dizer, Pessoas, quer dizer, Únicos, quer dizer Perfeitos, quer dizer Santos.

*(Padre Joaquim Pedro Quintela)*

# ÍNDICE

Prefácio .....	7
I.....	7
II.....	9
Capítulo I.....	15
Capítulo II.....	33
Capítulo III.....	45
Capítulo IV.....	61
Capítulo V.....	81
Capítulo VI.....	107
Capítulo VII.....	131
Capítulo VIII.....	135
Capítulo IX.....	147
Capítulo X.....	163
Capítulo XI.....	181
Capítulo XII.....	189
Capítulo XIII.....	197
Capítulo XIV.....	211
Capítulo XV.....	235
Capítulo XVI.....	253
Capítulo XVII.....	293